



# Nadir e Siza: geometrias cruzadas

---

## **Nuno Grande**

Portugal. Arquiteto e Professor Associado na Universidade de Coimbra (DARQ/FCTUC). Investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Foi programador e curador de exposições: na Porto 2001 e em Guimarães 2012, ambas Capitais Europeias da Cultura; nas Bienais de Arquitetura de São Paulo (2007, com Jorge Figueira) e de Veneza (2016, com Roberto Cremascoli); na Trienal de Arquitetura de Lisboa (2007, com Jorge Figueira); na Garagem Sul/CCB, Lisboa (2013, com Roberto Cremascoli); no IAB/Rio de Janeiro (2013); na Cité de l'architecture et du patrimoine, Paris (2016); e na Casa da Arquitetura, Matosinhos (2018).

---

## Nadir e Siza: geometrias cruzadas

Ao longo dos últimos anos, entre diversos textos escritos<sup>1</sup>, tenho vindo a interpelar o método conceptual do arquiteto (que gostava de ter sido escultor) Álvaro Siza, procurando descodificar (como se isso fosse possível) a sua notável capacidade de reinventar memórias, de interpretar geografias, de se deixar contaminar por tantas “culturas-outras”. Esse exercício de alteridade - ser simultaneamente eu e o outro; ser daqui e do mundo, ser local e universal -, de clara afinidade pessoana ou torguiana, leva Siza a criar obras que são suas, originais e irrepetíveis, mas que ressoam, na nossa memória, como espaços familiares; ou, dito de outra forma, como se tivessem pertencido sempre à vida de um lugar, de uma cidade ou de um personagem.

Pois bem, ao visitar Chaves, é quase impossível percorrer o seu novo Museu de Arte Contemporânea sem adivinhar um cruzamento conceptual e espacial entre as geometrias de Siza, seu autor, e as de Nadir Afonso, a quem o edifício foi dedicado e cuja obra artística ali habita. Espreado ao longo da margem direita do Tâmega, o edifício parece contorcer-se continuamente, em vivo diálogo com as frentes da cidade, com os alinhamentos dos velhos muros de granito, com as frondosas vistas da paisagem envolvente. A planta nobre do edifício é desenhada a partir de uma espécie de “ballet mecânico” - aqui evocando Fernand Léger, que Nadir conheceu em Paris - de linhas oblíquas, quadrados e trapézios, e que nos remete para as composições abstratas desenvolvidas pelo artista-arquiteto flaviense, a partir do final da década de 40, em diferentes desenhos e telas. Sobre esse período no percurso de Nadir Afonso, escreveu Adelaide Ginga:

As primeiras “Composições Geométricas”, de 1947 e 1948, são dedicadas à “geometria racionalizada – quadrado, círculo, triângulo, rectângulo de ouro” (divina proporção) e traçado regulador” já conhecido na Grécia antiga. (...) Os fundos são superfícies planas e neutras, sobre os quais as figuras dispostas de forma individualizada, são trabalhadas em isometria através de diferentes transformações geométricas, desde a simetria em reflexão, translação ou rotação à homotetia.<sup>2</sup>

Esta descrição poderia perfeitamente adaptar-se ao modo como Álvaro Siza compõe a planta do edifício (deste e de tantos outros), à procura dos traçados reguladores que a envolvente lhe empresta, resgatados em disposições geométricas autónomas e subjetivas. E não por acaso, o quadrado, o triângulo e o (semi)círculo participam do enigmático piso de embasamento, desenhado como suporte estrutural deste museu. Nessa planta, Siza estabelece uma sucessão de muros em betão, os quais parecem dispor-se, também aqui, num “ballet mecânico” entre linhas paralelas e oblíquas.

É como se este “compositor” tivesse escrito uma pauta musical, onde as notas se diferenciam pela sua posição e pelas figuras geométricas nelas recortadas. Cada muro tem assim um papel fulcral nessa poética “partitura”, para lá da mais prosaica função de levantar o edifício acima da cota de cheia do Tâmega. No entanto, e percorrendo este “piso-gruta”, não deixa de ser maravilhoso podermos atravessar os triângulos, os quadrados e os círculos de Nadir, como se as suas *Composições Geométricas* de 1947-48 se tornassem habitadas.



Fig. 1 - Nadir Afonso, banda pintada da obra *Espaceilimité*, 1956.



Fig. 2 - Álvaro Siza, Maqueta do Embasamento do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, 2014-2016.

A planta descrita remete-nos ainda para um outro trabalho apresentado por Nadir Afonso mais tarde, em 1957, na Galerie Denise René, em Paris: *Espaceilimité*. Com base em diferentes cintas pintadas, dispostas sobre dois cilindros rotativos, em permanente movimento, o pintor (aqui explorando a tridimensionalidade escultórica) aproxima-se da Arte Cinética ou mesmo do Cinema, onde “tudo é espaço e movimento”. Diríamos que, em certo sentido, também o espaço arquitetónico é aqui convocado. Adelaide Ginga descreve-nos a composição dessas bandas em permanente rotação:

A linha, contínua ou segmentada (já sem arabescos), torna-se o elemento-chave destas composições na elaboração das formas, ou em simples curvas, rectas, oblíquas, paralelas e perpendiculares, multiplicadas em várias posições, na estruturação do fundo e na organização do espaço, permitindo a separação de níveis ou a formulação de conjuntos. (...). Como numa pauta, estes signos geométricos traduzem uma selectiva síntese formal, organizada com base no equilíbrio ditado pela intuição informada nas leis da matemática.<sup>3</sup>

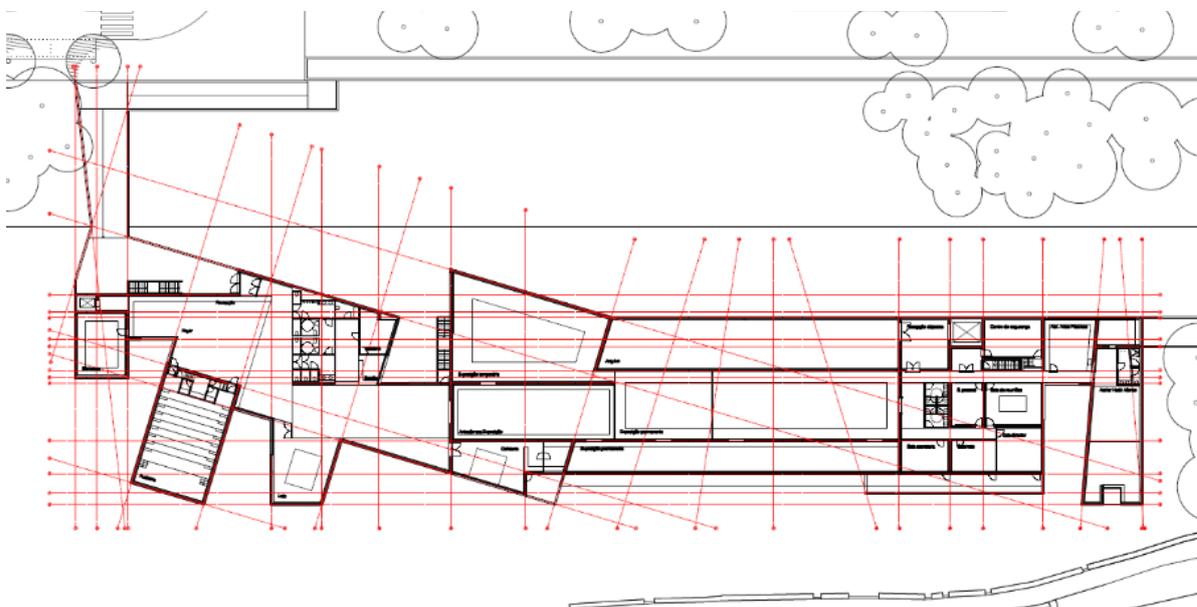


Fig. 3 - Álvaro Siza, Planta do Piso Nobre do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, 2014-2016

Uma vez mais, a descrição poderia ajustar-se à composição “musical” do embasamento do Museu de Arte Contemporânea, evidenciando, aos nossos olhos, essa revisita conceptual que Siza elabora, intuitiva e descomplexadamente, ao universo geométrico de Nadir.

Neste jogo de alteridades, que tanto marca a cultura contemporânea portuguesa, o Siza-arquiteto parece colocar-se “na pele” do Nadir-artista, de há seis ou sete décadas atrás; mas também o Nadir-arquiteto parece ter preparado essa futura visita do Siza-artista. Eis, pois, um cruzamento de geometrias, que se tornou afinal num cruzamento de génios (leia-se de espíritos).

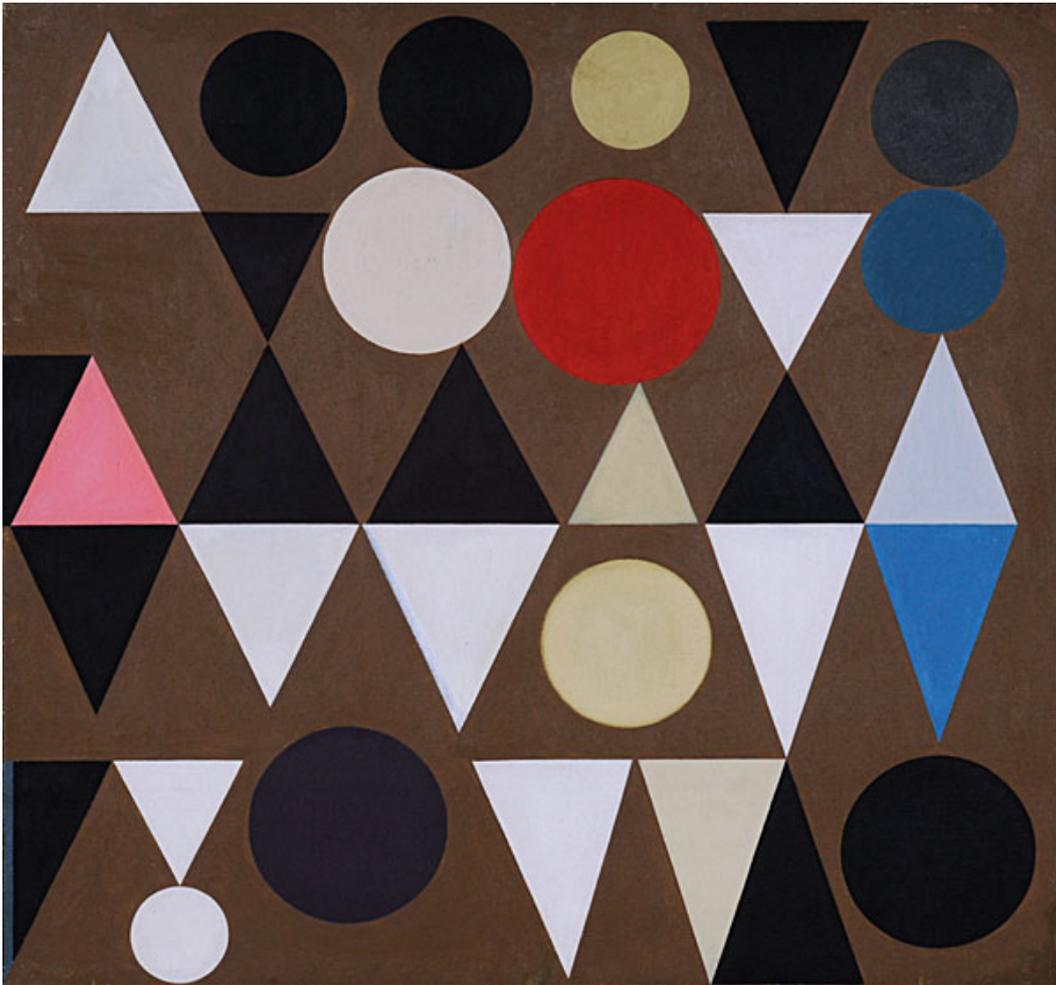


Fig. 4 - Nadir Afonso, *Composição Geométrica*, 1948.



Fig. 5 - Álvaro Siza, Embasamento do Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, 2014-2016

## Notas

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi publicada em: António Choupina e Laura Afonso (ed.), *Nadir Afonso, Arquitectura sobre Tela*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves, 2017, pp.136-143.

<sup>2</sup> Adelaide Ginga, "Nadir Afonso, o perturbante ponto de interrogação num "poema em linha recta", in *Nadir Afonso, Chaves para uma obra* (Coord. Bernardo Pinto de Almeida). Chaves: Município de Chaves/Fundação Nadir Afonso/Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso, 2016, p.173.

<sup>3</sup> *Idem*, p.181.